Maria Teresa Brocardo

Universidade Nova de Lisboa

O ‘passado do passado’ - alguns dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português

Palavras-chave: pretérito mais-que-perfeito, pretérito perfeito, história da língua portuguesa, inovação, obsolescência

É objetivo deste trabalho aduzir dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português. Em estudo anterior sobre esta temática (Brocardo, 2010) concentrei a minha análise nos fatores que terão determinado a tendência para o desuso da forma simples deste tempo gramatical, ou para a sua obsolescência parcial, em detrimento da forma composta. Procurarei aqui alargar o estudo, propondo um confronto entre os percursos diacrónicos das formas verbais de perfeito e mais-que-perfeito, simples e compostas. Começarei com uma breve nota sobre o mais-que-perfeito em português e espanhol, focando a divergência que se observa nas evoluções respetivas, para me concentrar depois na análise dos valores do mais-que-perfeito no passado do português. Procurarei por fim concluir com a apresentação dos paralelismos e das divergências observáveis na evolução do perfeito e mais-que-perfeito em português.

A análise que proponho tem como base dados recolhidos em fontes textuais de diferentes tipologias, incluindo textos genericamente caracterizáveis como não literários e literários, datados (ou datáveis) entre os séculos XIII e XVI. Os textos pesquisados e analisados são referidos no final da bibliografia, cabendo aqui uma breve nota sobre a metodologia utilizada. Os exemplos que se apresentam como ilustrativos correspondem, naturalmente, apenas a uma parte dos dados analisados, que foram recolhidos a partir de corpora ou retirados diretamente das edições respetivas. Privilegiou-se uma análise fina das ocorrências assinaladas em detrimento de uma recolha quantitativamente mais significativa. Além de restrições de ordem prática, dada a dificuldade

inerente a pesquisas exaustivas deste tipo de dados, em textos com variação gráfica assinalável, considera-se também que os dados quantitativos não são necessariamente muito expressivos. Dois tipos diferentes de fatores devem ser neste contexto considerados: por um lado, a própria representatividade quantitativa da documentação remanescente, que é muito desigual para as épocas mais antigas, em particular o século XIII, com muito menor número de textos conservados (e deve notar-se que se consideram apenas textos conservados em testemunhos da época de produção original ou relativamente próximos da mesma, o que desde logo exclui cópias tardias); por outro lado, os tipos ou, talvez melhor, os géneros textuais, que à partida condicionam a ocorrência (em termos de frequência ou mesmo em absoluto) das formas ou construções linguísticas em estudo. Ambos os fatores, portanto, interferem no número de ocorrências, o que significa que uma simples contagem da frequência de uma dada forma ou construção poderá carecer de significado, sobretudo se com base nela se pretender inferir diretamente a respetiva produtividade, comparando diferentes sincronias ou dados recolhidos em diferentes géneros textuais. Sempre procurando não esquecer este tipo de limitações, inevitavelmente impostas à análise de dados linguísticos do passado da língua, procurar-se-á relativizar quaisquer observações sobre frequência, preferindo analisar um conjunto eventualmente mais limitado de dados de forma mais próxima e detalhada.

1 Breve nota sobre o pretérito-mais-que-perfeito simples em português e espanhol

O português e o espanhol, línguas muito próximas dentro da família românica, partilham a continuação da forma do mais-que-perfeito simples latino (por exemplo, CANTA(VE)RA- > *cantara* - v. uma breve descrição das formas portuguesas e latinas de que estas derivam em Alkire & Rosen, 2010: 245-246), afastando-se, em conjunto, de outras áreas românicas, em que esta forma verbal latina não teve continuidade. Mas, como é sabido, mostram divergência na evolução subsequente.

Estes ‘destinos divergentes’ do mais-que-perfeito simples constituem o tema de um trabalho de Becker (2008), em que se pretende sobretudo explicar a evolução de ‘tempo’ para ‘modo’ que se observa na história do espanhol.

De acordo com este autor, em português ocorre um reforço da forma como marca temporal: continua como um mais-que-perfeito até ao português contemporâneo (embora restrito a usos caracterizados como ‘literários’ ou ‘arcaicos’), nunca passando a fronteira para um ‘modo’ e, pelo contrário, perdendo esse valor, segundo a mesma fonte, durante o século XIX.

Na verdade, em português contemporâneo esta forma verbal persiste com valor caracterizável como modal quase exclusivamente em expressões fixas do tipo *Quem me dera (ser rica)*, parafraseável por *Como eu gostaria de (ser rica)*, ou *Fora eu (rica)*..., parafraseável por *Se eu fosse (rica)*..., logo com valores geralmente expressos por condicional ou conjuntivo (v. também exemplos literários em Cunha & Cintra, 1984: 456)¹.

Contrastando com este percurso aqui brevemente sintetizado, e mais uma vez seguindo Becker (2008), em espanhol ocorre a alteração para um ‘modo’: evoluiu para um imperfeito do conjuntivo, ocupando o lugar desta forma verbal (que por sua vez correspondia à continuação do mais-que-perfeito do conjuntivo latino). A alteração terá ocorrido em função de diferentes contextos de ocorrência: em condicionais, estendendo-se o seu uso da apódose para a prótase; em contextos condicionais sem estruturas explicitamente condicionais; com verbos modais como *poder*, ou frases negativas. Em tais contextos ambas as leituras, temporal e modal, seriam possíveis, o que teria determinado a ocorrência em contextos de leitura ‘irrealis’. Segundo o autor, a mudança observada em espanhol configura uma evolução em que um valor ‘marginal’ se torna central depois de um longo período de polissemia.

2 O pretérito-mais-que-perfeito em fases antigas do português

Em textos portugueses dos séculos XIII a XVI encontram-se numerosas atestações do pretérito mais-que-perfeito simples com um valor temporal caracterizável como ‘passado do passado’. Neste tipo de funcionamento, portanto, além do tempo da enunciação, estão envolvidos um tempo de referência passado e um tempo relativo ao evento descrito que é anterior àquele (*cf.*, em diferentes formulações, descrições do mais-que-perfeito, simples ou,

1 Exemplos deste tipo de usos encontram-se também, por exemplo, em poesias populares, em que tipicamente se preservam vestígios de formas ou construções obsoletas. Deixo aqui um desses exemplos, recolhido oralmente nas ‘Saías’ (género popular de cantares) de Campo Maior: *Ó belo Campo Maior / todo à roda são calitros / se tu me quiseras bem / não te farias em ditos*.

em português contemporâneo, também composto, em Cunha & Cintra, 1984: 455; Lopes, 1997: 661; Oliveira, 2003: 161). Os exemplos seguintes ilustram de forma clara este uso²:

- 1) E ((se)) as partes ambas ueere~ subre isto deante e se lhy mandar fazer outra carta, diga enelha qua lha mandaro~ fazer por que **perdera** a outra primeyra que **fezera** (*FR*, séc. XIII)
- 2) Vynos tã cansados eles e os caualos como quer que lhis os corações nã falecesem. que mãdei por os iiij.^m mogotes que da primera **posera** pera os matar e catiuar (*LLC*, fin. séc. XIV)
- 3) e tome o exemplo de piedade do bõ pastor. que leixou nos montes noveẽta e nove ovelhas. e foy buscar e requerer. hũa ovelha que **errara** e **perdera-se** das outras. (*RSB*, pr. séc. XV)
- 4) e rrecolheo toda a mayor parte da ge~te daquella que se amte **desordenara**. (*ZPM*, fin. séc. XV)
- 5) E acabado de o assi degolar se tornou aa casa donde o duque **sayra** por o mesmo corredor (*VFJII*, 1545)

Encontrei ainda algumas atestações, mas bastante raras, de mais-que-perfeito caracterizável como um futuro do passado, que corresponderia, em português contemporâneo, a um condicional, justamente designado por vários autores ‘futuro do pretérito’ por assumir este tipo de valor³. Nestes casos, portanto, está envolvido um tempo de referência passado e um tempo relativo ao evento descrito posterior àquele, como se observa nos exemplos seguintes:

- 6) Mas o primcipall perigo **ouvera** de ser ao passar da rribeyra, a quall pareçee que estava chea (*ZPM*, fin. séc. XV)
- 7) E breuemẽte em todo se deu maa prouisã o que ao depois **ouvera** de seer aazo de se a uilla perder (*ZDM*, fin. séc. XV)

Os exemplos idênticos que assinalei são sempre com *haver de*, além de raros, como já referi. Em qualquer caso será de notar aqui, retomando o que disse

2 Os exemplos são seguidos das siglas que identificam os textos de que foram retirados e respectivas datas. As referências das edições usadas, com as siglas usadas, são dadas no fim da bibliografia.

3 Sobre a designação desta forma verbal – futuro do pretérito ou condicional – v. Cunha & Cintra (1984: 462). Segundo Oliveira (2003: 158) «este tempo [Futuro do Passado / Condicional] comporta-se como tal desde que o ponto de perspectiva temporal seja passado. Se esse ponto for futuro, então adquire um valor modal.»

na introdução sobre a relevância de uma quantificação simples de ocorrências, que esse dado poderá não ser muito expressivo. Trata-se de um tipo de uso que tenderá a aparecer apenas em sequências narrativas muito específicas, quando se antecipa um evento posterior ao tempo de referência passado em que a narrativa se centra, mas ainda passado em relação ao tempo de enunciação. Em princípio, a probabilidade de ocorrência deste tipo de uso é baixa à partida, pelo que a escassez de atestações não implica necessariamente a baixa produtividade ou disponibilidade da forma verbal para marcar o valor aqui em causa. É de notar, porém, como possivelmente significativo o facto de se tratar de construções com *haver de*, que inerentemente aponta para posterioridade. Além disso, neste tipo de uso o evento referido como posterior em relação ao tempo de referência passado nem sempre vem, de facto, a ocorrer, não sendo validado efetivamente, mas sendo apenas apresentado como eminente, como se constata no exemplo seguinte (já citado em Brocardo, 2010):

8) como quer que aquelle **ouvera** de ser ho seu postrimeiro dia, caa o cavallo errou ho porto e foy topar com hu~a riba (*ZDM*, fin. séc. XV)

Assim, enquanto em (6) e (7) ‘o principal perigo ser ao passar a ribeira’ e ‘[...] ser azo de a vila se perder’, respetivamente, remetem para acontecimentos linguísticos validados, o mesmo não sucede com ‘aquele ser o seu postrimeiro dia’ (i. e., ‘ele morrer nesse dia’) em (8). A sequência do texto confirma que a morte referida esteve eminente mas não ocorreu. Poderemos, neste tipo de usos, estar numa espécie de fronteira entre o uso temporal (futuro do pretérito) e modal.

Encontram-se nos textos pesquisados vários exemplos em que o mais-que-perfeito ocorre com claro valor modal, em usos que corresponderiam em português atual a um condicional (composto), como em (9):

9) E esto seya se se no~ perdeu per sa morte natural, ca se morreu de ssa morte ou se perdeu de tal guysa que seu dono a **perdera** pero que lla no~ emprestasse no~ seya teudo de lha nu~qua dar. (*FR*, séc. XIII)

Este tipo de usos do mais-que-perfeito parece, no entanto, ser mais notório com verbos de valor inerentemente modal (exemplos 10 a 13) e em condicionais (14, 15):

10) eu a esta morte ñ poso escapar por a nobre caualaria que perdi que eu aporei antre as ge~tes d’africa e d’asya. e me tu prendiste e~te~po que a jnda eu **podera** ui~gar e cobrar mea onra (*LLC*, fin. séc. XIV)

11) E **quisera** os poer cõ eles pera os estroyr e yrme pera uos cõ toda a outra cõpanha. Estando asi desbaratados como uos mostro. Entrou per antre os uosos... (*LLC*, fin. séc. XIV)

12) E mais me praz da morte ca ueer eu a tua que oie nõ se **podera** escusar (*LLC*, fin. séc. XIV)

13) e ja des aquelle dia nõ lhe convem saír do mosteyro. nõ sacudir e t́́r ar o seu collo de so o jugo da regla. a _qual so tam perlongada deliberaçõn **podera** escusar e leixar (*RSB*, pr. séc. XV)

14) Quanto mais que eu achey os feitos pella mayor parte tam maravilhosos, que, se soomente os **ouvera** de escrever per emformaçõ dallgu~s que ho souberão per ouvida doutros, eu **duvidara** çertamente de hos escrever, ne~ os **escrevera** se na boca de dous ou de tres **achara** o conheçimemto destas cousas, porque **emtemdera** que o deziã por emgramdeçer seu nome e fama (*ZPM*, fin. séc. XV)

15) E por sua má ventura se nam concertou porque se entam se **acabara**, **ficara** muyto contente e **tevera** mayor amor a el-rey e nam ousaram de lhe danar a vontade como fizeram (*VFJII*, 1545)

Como já foi observado em trabalho anterior (Brocardo, 2010), o uso modal do mais-que-perfeito não pode considerar-se em absoluto uma inovação românica. Esta forma verbal podia já marcar modalidade em latim, embora essa possibilidade se apresentasse mais restringida, ocorrendo em condicionais apenas na apódose, e com alguns verbos inerentemente modais (v., por exemplo, Pinkster, 1995: 301-302). Em fases antigas do português, como ilustrado nos exemplos acima, esta possibilidade de ocorrência está menos restringida. Ainda assim, o mais-que-perfeito parece ocorrer com valor modal sobretudo com verbos inerentemente modais, em contextos condicionais (não necessariamente explícitos, como no exemplo 11) e ocorrendo por vezes, concomitantemente ou não, com modais ou em condicionais, em contextos negativos (12, 14).

Resta determinar, com recurso a estudos necessariamente mais exaustivos, se o desuso do mais-que-perfeito simples com este tipo de valores, caracterizável em termos de mudança linguística como obsolescência de significado, terá ocorrido mais cedo do que a tendência para a obsolescência da forma simples em detrimento da composta com valor temporal. Uma abordagem diacrónica deste tema terá necessariamente de incluir as formas verbais em competição para a expressão dos mesmos valores, o condicional / futuro do pretérito e o

imperfeito do conjuntivo. Becker (2008) aponta o século XIX para o desuso do mais-que-perfeito simples modal em português, mas aparentemente baseia-se em textos literários. Embora sem referir explicitamente uma datação para esta mudança, as observações de Said Ali (1964: §1539) sobre este aspeto levam a crer que este tipo de uso terá persistido sobretudo até ao século XVII.

3 Paralelismos e divergências na evolução do mais-que-perfeito e perfeito

Tendo quer as formas simples do mais-que-perfeito quer as do perfeito tido continuidade do latim para o português, começarei por observar os seus percursos paralelos. Em fases antigas da língua, ambas competem com as formas compostas respetivas (v. uma descrição breve da génese do ‘periphrastic perfect’ em, por exemplo, Alkire & Rosen, 2010: 169-172). Note-se que aqui apenas considero as atestações que evidenciam já o seu funcionamento como formas gramaticalizadas de tempo composto e não as perífrases, geralmente descritas como aspetuais resultativas, de que terão derivado (*cf.*, entre muitos outros, Squartini & Bertinetto, 2000; *cf.* também as várias referências para este tipo de descrição em Ledgeway, 2011).

Os exemplos seguintes, retirados do mesmo texto, evidenciam a competição referida, entre formas simples de mais-que-perfeito (16) e perfeito (18) e as respetivas formas compostas com *haver* (17 e 19):

16) Huu~ senhor dos alaraues que chamarõ anza a que el **fezera** muito deserdame-to sobe como uijnha

17) E el Rey dise que tã boõ fora dõ Marti- sanchez e que tão seruiço lhy **auya feito**. que cousa que elle desse...

18) que foi casada cõ nuno martijz do uinhal asi como ia **disemos**

19) E forõ cõ el na busca da uera cruz por saluame-to da fe de iesu cristo e de toda a cristijdade asi como **auemos mostrado**. (*LLC*, fin. séc. XIV)

Quando se torna mais frequente a ocorrência de formas com *ter*, sobretudo a partir do século XV⁴, continua a constatar-se a alternância de formas simples

4 Em Brocardo (2006) analisam-se dados de textos dos séculos XIV e XV que sustentam esta cronologia, apontando-se alguns aspetos, nomeadamente tendo em conta o seu funcionamento como verbos leves, que pretendem complementar de algum modo a história do processo de substituição de *haver* por *ter*.

e compostas, como pode observar-se nos seguintes exemplos, também de um mesmo texto:

- 20) E porque parecee que **lleyxara** suas beestas e~ Taryfa, sayu ally
- 21) e no cabo jazia muyta madeira com que os mouros **tynhem tramcado** aquelle porto.
- 22) E assy lhe **emcomemdou** que tevesse bõo cuydado da outra gemte mais piquena
- 23) porem vos fazee o que vos eu **tenho emcomendado** (ZPM, fin. séc.XV)

Como é patente nos exemplos, e em muitas ocorrências semelhantes, não é discernível uma diferenciação de valores das formas simples e compostas destes tempos verbais. A diferenciação viria a verificar-se, como é sabido, entre as formas simples e composta do pretérito perfeito, mas não entre as do mais-que-perfeito⁵.

A competição entre formas, (ainda) sem diferenciação de valores, que aqui pretendo enfatizar é particularmente evidente no caso de verbos como *chegar*, *partir*, *tornar* («regressar»), *passar* (quando envolve deslocação espacial), *nascer*, *morrer*. Com estes verbos, caraterizáveis como inacusativos⁶, em português antigo e médio ocorrem em contextos idênticos as formas simples e as formas compostas, mas estas últimas sempre com o auxiliar *ser* (ou melhor, formas derivadas de *esse* latino). Estas formas constituem, diacronicamente, a continuação formal de tempos compostos latinos formados com *esse* + participípio passado nos tempos do *perfectum*, em verbos classificados como depoentes ou que seguiram o modelo destes. Não se trata aqui do resultado da gramaticalização de perífrases, ou seja, de uma inovação românica, como

5 Embora uma possível diferenciação de valores tenha sido sugerida, como hipótese, por Lopes (1997) para fases antigas da língua e também, incluindo mesmo usos modernos, por Campos (2000, 2005). Trata-se, porém, de trabalhos que não usam ou usam apenas marginalmente (no caso de Campos) dados da diacronia. Sobre a análise desta última autora, v. também Brocardo (2009b).

6 Para uma breve caraterização sintática destes verbos (embora com referência ao português contemporâneo), v. Duarte (2003: 300-302). Sobre as formas compostas destes verbos em fases antigas da língua, v., por exemplo, Mattos e Silva (1994: 62-63), que refere o valor «concluído ou perfectivo» das construções com «*ser* + PP», embora sem precisar uma caraterização dos verbos em causa, que a autora apenas refere como correspondendo a um «subconjunto» de verbos intransitivos. De acordo com os dados que até agora pude apurar, será sobretudo a partir do século XVI que esta subclasse de verbos passará a conjugar-se com *ter*, não tendo a conjugação com *ser* tido continuidade em português, como aconteceu noutro sistemas românicos (cf. Brocardo, 2010: 123-126).

no caso das construções com *haver/ter*⁷. Por isso a competição entre formas simples e compostas, para a expressão dos mesmos valores, é nestes casos ainda mais evidente, como nos exemplos:

24) Per estes mouros soube ho comde como Mulley Abualle, rrey de Marrocos, **partyra** de sua terra

25) E tanto que se o comde dom Pedro partio, logo foram avisados de como elle **hera partydo** e como seu filho ficava por capitã.

26) E esto he que o velho que ally estaa por capitão **he partido** pera o seu rregno

27) E em estas cousas gastou aquelle dya em fim do qual **partyo** pera Cepta (ZDM, fin. séc. XV)

A análise de dados do português antigo e sobretudo do português médio mostram de forma clara que a marcação dos valores que caracterizam o pretérito perfeito composto em português atual é posterior na história da língua à gramaticalização da construção com *haver* e depois *ter* como forma de tempo composto, constituindo, portanto, a mudança de valor uma inovação de significado posterior à inovação formal. A continuidade plena (não restringida por fatores inerentes ao registo, por exemplo) do perfeito simples, diferentemente do que ocorreu noutros sistemas românicos, viria a permitir essa diferenciação (v. Squartini, Bertinetto, 2000, Brocardo, 2009b). Em contraste, a forma simples do mais-que-perfeito viria a tender para a obsolescência, ou, pelo menos, para um uso restringido por fatores inerentes, genericamente, ao tipo de registo.

Um dos fatores que possivelmente terão contribuído para essa tendência decorre, curiosamente, de uma coincidência formal com o perfeito, nas formas de terceira pessoa do plural (*cf.*, por exemplo, Said Ali 1964⁶: §1534). Analisando testemunhos do século XV e posteriores encontramos abundantes ‘trocas gráficas’, ou seja, grafias não etimológicas e mesmo grafias ‘fonéticas’, em *-ão*, denotando a convergência numa realização em ditongo das terminações destas formas de perfeito e mais-que-perfeito, que no período anterior se distinguiam, por corresponderem a realizações em diferentes vogais nasais (*-õ* para o perfeito e *-ã* para o mais-que-perfeito). Esta convergência torna de interpretação ambígua muitas sequências quanto à marcação de tempo, como nos exemplos (em que assinalei [?] a referida ambiguidade):

7 Sobre este processo de gramaticalização, v. Brocardo (2009a), em que se discute o possível condicionamento analógico determinado pelas formas compostas com *esse* + participio passado.

28) E ally começavam a contar hu~s aos outros todolos aqueçimemtos de sua partyda, e quaes heram os que **morrerã** [ʔ] logo na primeira emtrada que os cristãos com elles **fezerã** [ʔ] e quais ao depois.

29) E~pero assy se acharão escarmementados das feridas que lhe os nossos **derão** [ʔ], que per força lhes fezerão volver as costas. (*ZPM*, fin. séc. XV)

É de crer que o sincretismo observado, ainda que restrito a uma única forma de pessoa número, tenha determinado o aumento do uso da forma composta e assim contribuído para o desuso do mais-que-perfeito simples⁸. Note-se que em português contemporâneo o mais-que-perfeito simples está disponível e efetivamente ocorre em alguns usos – muito genericamente, usos formais, em particular escritos ou com suporte escrito – mas mesmo aí é, na prática, um paradigma defetivo. Veja-se um exemplo moderno, aleatoriamente retirado de um corpus:

30) O senhor ainda vive? E o idiota contraía os lábios, contente com o espírito que **fizera**. (Davies & Ferreira: Lima Barreto, *Diário íntimo*, séc. XX)

A forma em destaque seria, no plural, sempre interpretada como pretérito perfeito, logo impossível como ocorrência de mais-que-perfeito, caso em que obrigatoriamente ocorreria a forma composta. Assim, na exemplificação que acompanha a descrição dos valores e usos do mais-que-perfeito, por exemplo em Cunha & Cintra (1984: 455-456), são, sempre, naturalmente, compostas as formas que ocorrem na terceira pessoa do plural. Esta especificidade do paradigma verbal não é, porém, explicitada, nem para ela se chama a atenção, figurando geralmente nas gramáticas a terceira pessoa do plural do mais-que-perfeito simples como se se tratasse de uma forma flexionada disponível, como qualquer outra forma flexionada, o que, como sublinhei, não é exato.

Em síntese, perfeito e mais-que-perfeito têm em português percursos diacrónicos inicialmente paralelos em termos formais, continuando as formas simples latinas, bem como as compostas baseadas no modelo dos depoentes latinos (conjugados como *esse* + participio passado) e sendo idênticos os processos de gramaticalização que levaram à emergência das formas compostas como *haver* e depois *ter*.

8 Registe-se que este sincretismo das formas de terceira pessoa do plural do perfeito e mais-que-perfeito acabará por se refletir também na ortografia oficial moderna, visto que esta convencionalmente estabelece uma única grafia – em *-am* – para estas terminações verbais átonas.

Mas assinalam-se divergências, desde os registos mais antigos, distinguindo-se o mais-que-perfeito simples como potencialmente polissémico, no sentido em que podia, em certos contextos, marcar valores caracterizáveis como modais. Uma hipótese a explorar seria a de que o uso modal teria derivado do uso como futuro do passado, em casos em que o evento descrito, marcado como posterior a um tempo de referência passado, não é validado mas relatado com tendo estado eminente. Os dados não permitem, porém, para já pelo menos, confirmar esta hipótese, sobretudo porque são de ocorrência pouco significativa quantitativamente os usos como futuro do passado nos testemunhos estudados. Apenas é possível registar que os usos modais parecem estar associados a contextos que favorecem essa leitura – verbos inerentemente modais, contextos condicionais e / ou negativos. Será somente possível formular hipóteses, devidamente sustentadas, sobre os fatores determinantes na obsolescência deste tipo de usos se forem também consideradas as formas em competição na expressão desses valores (condicional e conjuntivo).

A divergência mais sensível nos percursos destes dois tempos gramaticais é, porém, claramente, a que respeita à diferenciação de valores do pretérito perfeito composto, processo diacronicamente posterior à gramaticalização da forma em causa como forma de tempo composto (isto, claro, se considerarmos as novas formas compostas com *haver* > *ter*, visto que as formas compostas com *ser* (de *esse*) terão existido como tal desde as fases mais antigas da língua, uma vez que correspondem a uma continuação formal de um modelo de construção que ocorria já em latim. Como referi, a continuidade da forma simples terá sido fator decisivo na referida diferenciação, no caso do pretérito perfeito, enquanto justamente o oposto terá acontecido no caso do mais-que-perfeito, cuja forma simples tenderá para a obsolescência. O mais-que-perfeito simples é, pois, caracterizado na diacronia do português por um processo de obsolescência de significado – a (quase completa) perda da possibilidade de marcar valores modais – e por um processo de tendência para obsolescência da forma, que subsiste em certos registos mas é, ainda assim, defetiva.

4 Considerações finais

O trabalho apresentado constitui parte de uma investigação sobre formas e construções verbais na história do português, neste caso centrada sobretudo na evolução do pretérito-mais-que-perfeito. Partiu, portanto, de uma focalização numa forma específica e incidiu apenas nos períodos mais antigos da língua, o português antigo e médio. Haverá, naturalmente, que recolher e analisar

mais dados, destas e de outras sincronias, de forma a dar ao estudo o devido aprofundamento. Permito-me, no entanto, concluir com algumas observações relativamente às linhas que têm guiado o meu trabalho e que marcam a sua especificidade diacrónica. Sendo o objetivo de partida traçar o percurso de uma dada forma verbal (e valores que lhe estão associados) em termos de mudança linguística, a investigação desenvolvida aponta para a necessidade de incluir na análise quer formas e construções que com ela competem, quer outras cujos percursos são, em termos de mudança, parcialmente paralelos ou divergentes. Este parece ser um caminho profícuo para uma melhor compreensão dos processos diacrónicos, tendo em vista uma abordagem abrangente dos fenómenos gramaticais, neste caso no que respeita ao sistema verbal. Tratando-se aqui de uma investigação que se pretende especificamente diacrónica, tem como objetivo último identificar os fatores linguísticos que terão condicionado não só os processos de inovação, mas também de obsolescência, bem como os casos de continuidade ou persistência, formal e / ou de significado, observáveis no percurso histórico da língua.

Bibliografia

- Alkire, T., Rosen, C. (2010): *Romance Languages. A Historical Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Becker, M. G. (2008): «From temporal to modal: divergent fates of the Latin synthetic pluperfect in Spanish and Portuguese». Em: Ulrich Detges, Richard Waltereit (eds.), *The Paradox of Grammatical Change. Perspectives from Romance*. Amsterdam: John Benjamins, 147-180.
- Brocardo, M. T. (2006): «*Haver e ter* em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV». Em: *Revue de Linguistique Romane*, 70, 95-122.
- Brocardo, M. T. (2009a): «Formas e Construções do Português – Um programa de trabalho». Em: Leonor Werneck dos Santos *et al.* (orgs.), *Anais do XV Congresso da Assel-Rio. Linguagens em diálogo: Pesquisa e ensino na área de Letras*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ.
- Brocardo, M. T. (2009b): «Nótulas históricas – uma (re)leitura de Campos (2000)». Em: Maria Teresa Brocardo (org.), *Cadernos WGT – Ler Campos*. Lisboa: CLUNL-FCSH, 13-18: http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/grupos/gramatica/cadernos/lercamos_tb.pdf (24-11-2011).
- Brocardo, M. T. (2010): «Portuguese Pluperfect. Elements for a Diachronic Approach». Em: *Estudos Linguísticos Linguistic Studies*, 5, 117-130.

- Campos, M. H. C. (2000): «Sur les formes composées du prétérit en portugais». Em: Annick Englebert *et al.* (eds.), *Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, II. Tubinga: Max Niemeyer, 57-63.
- Campos, M. H. C. (2005): «Para a unificação dos valores do perfeito e do mais-que-perfeito em português». Em: Dulce Carvalho *et al.* (eds.), *Des(a)fiando Discursos. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, 133-139.
- Cunha, C., Cintra, L. (1984): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Duarte, I. (2003): «Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras». Em: Maria Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 275-321.
- Ledgeway, A. (2011): «Syntactic and morphosyntactic typology and change». Em: Adam Ledgeway, Martin Maiden, John C. Smith (eds.), *The Cambridge History of the Romance Languages. Volume 1: Structures*. Cambridge: Cambridge University Press, 382-471, 724-734.
- Lopes, A. C. M. (1997): «Para uma Análise Semântica e Pragmática do Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo em Português Contemporâneo». Em: Ana Maria Brito *et al.* (eds.), *Sentido que a Vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 657-670.
- Mattos e Silva, R. V. (1994): *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo–Bahia: Contexto.
- Oliveira, F. (2003): «Tempo e aspecto». Em: Maria Helena Mira Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 127-178.
- Pinkster, H. (1995): *Sintaxis y semántica del latín*. Madrid: Ediciones Clásicas.
- Said Ali, M. ([1931²] 1964⁶): *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- Squartini, M., Bertinetto, P. M. (2000): «The Simple and Compound Past in Romance Languages». Em: Östen Dahl (ed.), *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin–New York: Mouton de Gruyter, 403-439.

Fontes dos exemplos

- FR. Ferreira, J. A. (1987): *Afonso X. Foro Real. Edição, estudo linguístico e glossário*, I. Lisboa: INIC.

- LLC. Brocardo, M. T. (2006): *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV)*. Lisboa: IN-CM.
- RSB. Costa, S. F. (2007): *A Regra de S. Bento em Português. Estudo e edição de dois manuscritos*. Lisboa: Colibri / FCSH-UNL.
- VFJII. [Vida e Feitos de D. João II] Verdelho, E. (1994): *Livro das Obras de Garcia de Resende. Edição crítica, estudo textológico e linguístico*. Lisboa: FCG.
- ZDM. Fernandes, A. (2007): *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática*, II. Diss. de Dout. Pólo de Chaves: UTAD.
- ZPM. Brocardo, M. T. (1997): *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo*. Lisboa: FCG / JNICT.
- CIPM - *Corpus Informatizado do Português Medieval*: <http://cipm.fcsh.unl.pt> (06-01-2012).
- Davies, M., Ferreira, M. (2006-): *Corpus do Português*: <http://www.corpusdoportugues.org> (06-01-2012).

Maria Teresa Brocardo

New University of Lisbon

‘Past of the past’ – data for the history of Portuguese pluperfect

Keywords: pluperfect, perfect, history of the Portuguese language, innovation, obsolescence

In contemporary Portuguese the use of the simple pluperfect is quite limited, and it is usually described as being confined to more formal styles. But the analysis of extant written records from earlier periods seems to show a more frequent and less restricted use of this verb form, and also that it could express, in different contexts, not only temporal but also modal values. Following previous research (e.g. Brocardo 2010), it is my purpose to contribute to a diachronic approach of the Portuguese pluperfect, evidencing the various types of linguistic change that affected this verb form. In this paper I analyse data from the 13th to the 16th centuries that attest both the temporal and modal readings of the simple pluperfect, as well as the competition between the simple and compound verb forms. Aiming at a more broad approach of the diachronic processes affecting verb forms and constructions, I try to compare the evolutions of the pluperfect and perfect (‘pretérito perfeito’), emphasizing the similarities and divergences that can be observed. Within this comparison I discuss the following topics: competition of simple and compound verb forms, including inherited compound forms (with *ser*, ‘be’), and innovative compound forms that were the result of the grammaticalization of verbal periphrases (with *haver/ter*, ‘have’); the obsolescence of (modal) meaning of the simple pluperfect and partial obsolescence of this verb form, in contrast with the continuity of the simple perfect and the emergence of innovative values of the compound perfect (‘pretérito perfeito composto’).

Maria Teresa Brocardo

Nova univerza v Lizboni

»Preteklost preteklosti« – podatki za zgodovino portugalskega pluskvamperfekta

Ključne besede: pluskvamperfekt, perfekt, zgodovina portugalskega jezika, inovacije, zastarelost

Raba enostavnega pluskvamperfekta v sodobni portugalščini je omejena predvsem na registre, ki jih opisujemo kot formalne. Nasprotno pa analiza besedil iz prejšnjih zgodovinskih obdobj kaže ne samo na pogostejšo rabo te glagolske oblike, temveč tudi na to, da je lahko v različnih kontekstih prevzela časovne in modalne vrednosti. Avtorica se opira na prejšnja dela (npr. Brocardo, 2010), želi prispevati k diahronemu pristopu portugalskega pluskvamperfekta in razkriva vrsto sprememb, ki so pri tej obliki nastale v diahronem razvoju jezika. V prispevku analizira podatke iz obdobja od 13. do 16. stoletja in poskuša prikazati ne samo časovne in modalne vrednosti enostavnega pluskvamperfekta, temveč tudi tekmovanje med enostavno in sestavljeno obliko. Primerjava razvoja pluskvamperfekta in perfekta (»pretérito perfeito«), s poudarkom na podobnostih in razlikah, naj bi prispevala k širšemu pristopu k diahronim procesom, ki se tičejo glagolskih oblik. V okviru primerjave navedenih glagolskih oblik avtorica obravnava teme, kot so tekmovanje med enostavno in sestavljeno glagolsko obliko, vključno s podedovanimi sestavljenimi oblikami (z glagolom *ser*, »biti«), in novimi sestavljenimi oblikami, ki so nastale kot posledica gramatikalizacije glagolskih perifraz (z glagolom *haver/ter* »imeti«), zastaranje naklonskega pomena enostavnega pluskvamperfekta in delno zastaranje te glagolske oblike v primerjavi s kontinuiteto enostavnega perfekta ter nastanek novih vrednosti sestavljenega perfekta (»pretérito perfeito composto«).